

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

Marcelo Neri • *Chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV* André Urani • *Presidente do Iets* Waldir Quadros • *Professor da Unicamp*

Analistas aprovam ampliação, mas temem perda de série

Liane Thedim e Luciana Rodrigues

• Especialistas em mercado de trabalho viram com bons olhos a ampliação da pesquisa de emprego do IBGE e a inclusão de dados sobre cidades menores e áreas rurais. A avaliação é de que o resultado será um retrato mais fiel da situação do país, já que as regiões metropolitanas são as que vêm apresentando pior desempenho na taxa de ocupação. Há preocupação, no entanto, em relação à manutenção da série histórica, para comparação e análise. E, também, em relação à periodicidade da pesquisa, já que os dados não poderão mais ser acompanhados mensalmente.

Hoje, informações sobre o emprego fora das regiões metropolitanas no país só são divulgados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), que é anual. Para Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), a visão atual

da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) é parcial, ao mesmo tempo em que seu resultado é tema de debate nacional.

— As seis regiões avaliadas não são representativas, porque são a caixa de ressonância do Brasil. Pela Pnad, podemos ver que a taxa de desemprego nas demais áreas não é tão alta quanto nas grandes metrópoles.

O economista André Urani, presidente do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), lembra que há muito tempo já se discute uma ampliação da PME. Mas ele alerta que a nova pesquisa deveria ser debatida com a comunidade acadêmica, partidos, sindicatos e demais interessados e, principalmente, precisaria ser calculada de forma a não perder a continuidade com os dados disponíveis hoje.

— É imprescindível não perder a série histórica. Na última mudança de metodologia, isso ocorreu e comprometeu muito as análises. Não dá para inventar

uma nova série — diz Urani. — O ideal é haver um debate com os interessados para que haja transparência na produção dessas informações.

Marcelo Neri não vê riscos para a série histórica, porque os dados das regiões metropolitanas continuarão existindo isoladamente e poderão ser usados para comparação.

Neri lembra que a mudança na PME é um processo que vem ganhando forma lentamente desde 1996. Mas, para o economista, a transformação do estudo em trimestral será uma perda.

— Teremos menos agilidade para identificar o movimento do mercado de trabalho nacional, o que é ruim — avalia.

Essa opinião é compartilhada pelo professor Waldir Quadros, da Unicamp:

— É importante incluir o interior para ter dados mais precisos. Mas o ideal seria fazer a pesquisa mensal, como é hoje, nas regiões metropolitanas e um levantamento mais completo trimestralmente.